

Crise pegou o país em auge de avanços, mostra IBGE

(Não Assinado)

PNAD 2008

Pesquisa divulgada na sexta-feira revela cenário brasileiro com conjuntura favorável no início da turbulência econômica mundial

AGÊNCIA ESTADO

Rio de Janeiro - Último retrato do Brasil antes da crise mundial, iniciada em setembro do ano passado, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2008 mostra o país no auge de uma fase de avanços iniciada em 2004. Houve recorde histórico na criação de empregos formais e continuidade na redução da desigualdade, no aumento da escolarização de jovens e na redução do trabalho infantil.

Mas, a amostra também revela que caiu o ritmo do encurtamento de distâncias entre as faixas de renda, resistência da taxa de analfabetismo – que subiu no Sudeste – e, em alguns estados, queda na proporção de crianças matriculadas na escola. A sondagem foi divulgada na última sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A edição de ontem da Gazeta do Povo mostrou o quadro paranaense da pesquisa: o estado conseguiu reduzir em 35% o número de adolescentes grávidas – a média nacional foi de 18%. As mulheres paranaenses com renda acima de 20 salários mínimos têm salários mais altos do que os homens.

Análise

“A desigualdade continua caindo. A velocidade, como já era de se esperar, não se manteve no ritmo em que se encontrava. O que se observa é que o nível médio de renda de todos os grupos da população cresceu, e com queda da desigualdade”, afirmou o presidente do IBGE, Eduardo Pereira Nunes.

O economista Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), especialista em política social, ficou animado com os resultados. “A primeira impressão é de que só tem notícia boa. Parece ser tudo o que todo mundo pediu a Deus, uma melhora generalizada na qual os pobres ganharam ainda mais que os outros”, diz.

Ex-presidente do IBGE, o economista Sérgio Besserman constata que o quadro traçado pela Pnad 2008 reflete “o pico de um ciclo que acabou com a crise”. E pondera que o avanço econômico, puro e simples, não garante melhorias na desigualdade. “Falta uma política estruturante de distribuição do conhecimento”, comenta.

Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, aponta o fato de que a renda domiciliar (total e per capita), que é um indicador mais acurado do bem-estar dos pobres, manteve o ritmo de melhora.

A pesquisa também revela a continuidade do processo de envelhecimento da população brasileira, acelerado pela contínua queda da taxa de fecundidade, que saiu de 1,95 filhos por mulher em 2007 para 1,89 em 2008. A Pnad foi a campo em setembro do ano passado, mês do colapso do Lehman Brother, que deflagrou a turbulência mundial. Mas os 2,5 mil pesquisadores, que ouviram 391 mil pessoas em 150 mil domicílios, não captaram os efeitos da crise, que só começaram a ser sentidos na economia real em meados do último trimestre do ano passado.

Quadro positivo

O cenário nacional apontado pelo Pnad 2008, divulgado na última sexta-feira pelo IBGE, traz mais índices positivos do que negativos, de maneira geral. Mas há desafios importantes a serem superados.

O que melhorou

No trabalho – Recorde histórico na criação de empregos formais, maior baixa na taxa de desemprego, mais carteiras assinadas e aumento da população economicamente ativa e ocupada.

Social– Queda da desigualdade pelo sexto ano consecutivo.

Infância e juventude – Mais jovens na escola e menos crianças trabalhando, queda no índice de gravidez precoce.

O que precisa melhorar

No renda – Queda no ritmo de encurtamento entre faixas de renda.

Na escola – Taxa de analfabetismo estacionada.

Infância – Em seis estados brasileiros, redução na proporção de jovens matriculados na escola, inalteração no número de crianças de 5 a 9 anos trabalhando.